

O Que As Mãos Podem Expressar

Beatriz Teixeira¹
Livia de Almeida Silva²

© 2010 KIM MOLINERO - Todos os Direitos Reservados 1134 Hits desde 08/Jul/2009



A obra do artista português Kim Molinero intitulada “mãos que falam na multidão”, produzida em 2009, faz parte da galeria do artista e propõe, dentre muitas obras, expressar, através daquilo que as mãos podem expressar, pela simbologia gestual, as sensações, manifestações e sentimentos dos sujeitos na vida cotidiana.

Mergulhando no cotidiano é possível encontrar diferentes mãos se expressando de maneira singular. São mãos que pensam, acenam, sentem, representam, dizem, respiram, constroem e destroem em ínfimos intervalos de tempo. Mãos, principalmente, que modificam o que tocam, tecendo e recriando histórias.

¹ Beatriz Teixeira: Graduanda em Pedagogia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista PIBIC/UERJ. Integrante do Grupo de pesquisa: Redes de conhecimentos e práticas emancipatórias no cotidiano escolar, coordenado por Inês Barbosa de Oliveira/Laboratório Educação e Imagem/ProPEd.

² Livia de Almeida Silva: Graduanda em Pedagogia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista PIBIC/CNPq. Integrante do Grupo de pesquisa: Redes de conhecimentos e práticas emancipatórias no cotidiano escolar, coordenado por Inês Barbosa de Oliveira/Laboratório Educação e Imagem/ProPEd.

Pelo envolvimento com a imagem e com a miscelânea das cores e formas representadas é possível sentir, dentro da multiplicidade das interpretações possíveis, que nela estão representadas as subjetividades que se entrelaçam (nas multidões) e que emergem na forma de singularidades em meio à diversidade presente nas entrelinhas das redes cotidianas.

São representadas mãos com cores, formas, tamanhos, texturas e cheiros distintos. Mãos que se enredam através das expressões gestuais e das posições gerando um movimento que indica a existência de inúmeros sentidos “de inúmeras redes de conhecimento que vão, a cada instante, sendo organizadas em um fluir que não foi previamente planejado, mas que marca, de forma indelével, os que nela vivem e as organizam” (ALVES 2000).

Falamos aqui das mãos que tecem, que se apropriam e fazem usos (CERTEAU. 1994) dos tempos, espaços, regras e produtos, de modos sempre singulares; de praticantes e atores, embora metaforizados, que entrelaçam e modificam as suas redes criando “mundos da vida” em diferentes contextos.

São gestos singulares que possuem voz, embora nesse enredamento, poucos são aqueles que se manifestam, passando existir “invizibilizados” em meio à multidão. Silenciados por não se encaixarem nos padrões socialmente estabelecidos nos diferentes *espaçotempos* da contemporaneidade, esses gestos são sufocados por um só modo de estar no mundo. São saberes (subjetividades) tecidos cotidianamente por diversos fios indissociáveis que constituem a teia chamada identidade. Uma pluralidade que, para apresentar-se enquanto expressão legítima passa a ser construída em uma constante troca entre diferentes crenças, valores e diferentes modos de estar/habitar o mundo.

As subjetividades expressadas vão ao encontro de valores, sejam eles legitimados ou não, que representam o modo de estar social. No *espaçotempo* contemporâneo, as subjetividades com frequência se expressam por meio dos sentidos da competitividade, dos modos de

regulação vertical e da dicotomia de pensamentos difundidos por um modo de estar baseado na democracia política. Neste sentido, as práticas passam representar uma democracia entendida enquanto a manifestação (subjéitiva) do poder em um gesto que se sobrepõe ao outro ocasionando expressões verticalizadas que, uma vez singulares, passam a ser vistas como o “diferente” inaceitável.

Encarando a possibilidade de mudanças dos modos de agir, pensar, sentir, existir, tornam-se necessárias mudanças no modo de regulação vigente. A potencialização das manifestações expressadas de forma horizontal baseadas no diálogo, na compreensão, cooperação e solidarização é um meio pelo qual determinadas mãos não exerçam o poder de silenciar outras, expressões de subjetividades democráticas.

São esses possíveis caminhos tecidos na pluralidade que levam a práticas mais democráticas na busca de rupturas das formas de silenciamento das inúmeras “mãos que falam na multidão”.

REFERÊNCIAS:

- ALVES. Nilda. *A aula: rede de práticas – os processos cotidianos de ensinar e aprender*. Rio de Janeiro: UERJ, (tese de titular), 2000.
- CERTEAU. Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves..Petrópolis: Vozes, 1994
- OLIVEIRA. Inês. *Sobre a Democracia. Democracia no cotidiano da escola*. 2009